

KHAOS

Na mitologia grega segundo Hesíodo, é o primeiro deus primordial a surgir no universo, portanto a mais velha das formas de consciência divina.

Seu nome deriva do grego antigo kháos ($\chi\alpha\omega\varsigma$), que significa «abismo», «vazio» ou «imensidão do espaço», referindo-se ao espaço vazio primordial.

O poeta romano Ovídio atribuiu a noção de desordem e confusão à divindade Caos.

Caos parece ser uma força catabólica, que gera por meio da cisão.



**ENTRE
A LUA E O
ABISMO**

ELIANA BERNARDINO

Título Original: Entre a Lua e o Abismo

Autora: Eliana Bernardino

Copyright © Eliana Bernardino

Copyright © Khaos Editora

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Edição: Alexandra Piedade

Revisão: Fábio Pinto

Pós-Paginação: Ana Domingues

Coordenação de Marketing: Iara Andrade

Paginação: Tânia Roberto

Design de Capa: Aléxia Oliveira e Rafaela Silva

Marketeer: Iara Andrade

1º Edição: junho de 2025

Acabamento/Impressão: Líberis

© 2025

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Instagram.com/khaos.editora

Depósito Legal: 547542/25

ISBN: 978-989-3625-20-0

KHAOS

PLAYLIST

Out Of The Woods - Taylor Swift
Fast Car - Luke Combs
Lights Down Low - MAX
You're Losing Me - Taylor Swith
Bad Liar - Imagine Dragons
Birds - Imagine Dragons
Talking To The Moon - Bruno Mars
Getaway Car - Taylor Swift
Drive and Disconnect - Nao
Speechless - Dan + Shay
Need You Now - Lady A
Wide Awake - Katy Perry
Bad Intentions - Niykee Heaton, Migos, OG Parker
Like I'm Gonna Lose You - Meghan Trainor, John Legend
This City - Sam Fischer
Say You Won't Let Go - James Arthur
Too Good At Goodbyes - Sam Smith
Before You Go - Lewis Capaldi
Wish You The Best - Lewis Capaldi
If Today Was Your Last Day - Nickelback
Love Is Gone - Acoustic - SLANDER, Dylan Matthew
Can I Be Him - James Arthur
Saturday Nights - Khalid
Since U Been Gone - Kelly Clarkson
The One That Got Away - Katy Perry
Human - Christina Perri
Never Gonna Be Alone - Nickelback
Bring Me To Life - Evanescence
Drops of Jupiter (Tell Me) - Train
Melodia da Saudade - Fernando Daniel





Capítulo 1

OS PULMÕES dentro de mim suplicam por uma pausa, mas a adrenalina e o pânico impedem as minhas pernas de parar. Não posso parar, não agora. O medo apodera-se da minha alma por completo.

Não sei o que me está a perseguir, apenas sei e sinto que tenho de me afastar o mais depressa possível. Tenho de continuar a correr. Ou melhor, preciso de continuar a fugir. À medida que os meus passos avançam, as árvores transformam-se em borrões enquanto passam pela minha visão turva. Olho por cima do ombro com receio de não estar a correr depressa o suficiente. É no exato momento em que, quando me volto para a frente, encontro o mesmo par de olhos vermelhos que me estavam a perseguir. Fico estática.

De repente o ar à minha volta torna-se denso e o silêncio é quebrado pelo som acelerado dos meus batimentos cardíacos.

Entre as sombras da floresta, surge a figura imponente de um lobo. Isto não é um lobo comum, é demasiado grande para ser apenas um lobo. Os seus olhos intensamente vermelhos refletem a lua cheia. Uma sensação de desconforto percorre o meu corpo quando percebo que aqueles olhos não são apenas os de um predador, mas também de alguém que conheço.

A ligação entre nós, outrora forte, está agora desvanecida por algo sinistro, algo que não dá para conceber. É como se o vínculo que compartilhámos tivesse sido destruído e substituído por uma força misteriosa que nos mantém afastados. O lobo aproxima-se com cautela. É como se, dentro dele, uma tristeza profunda ressoasse no abismo da sua alma.

Sinto uma urgência em voltar a correr. Assim que o tento fazer, alguém me segura no braço, impedindo-me de continuar. Viro-me para trás. Aquele par de olhos assustadores que me estavam a perseguir são agora duas esmeraldas reluzentes no meio do breu



da noite que me analisam com toda a atenção e calma do mundo. Por segundos parece que, quem quer que seja, tem medo que eu continue a fugir e que, de alguma maneira, consiga fazer com que me perca o rasto. Tento aproximar-me para ver o resto do seu rosto. Tenho de conseguir fazê-lo desta vez. Contudo, tal como das outras vezes, é quando estou perto de ver o resto da sua face que acordo.

É sempre assim. De todas as vezes que tenho este sonho acordo sempre sem conseguir perceber a quem pertencem aqueles olhos cor de esmeralda.

Confesso que até cheguei a tentar encontrar alguém que tivesse um tom parecido, mas nunca ninguém chegou perto daquela cor maravilhosa.

O que acho que me causa mais desconforto nesta situação é a sensação de vazio que se apodera de mim sempre que acordo. É algo inexplicável. Apesar de, no sonho, estar sempre a fugir daquela pessoa, acordo sempre sem me querer ir embora. Há algo que me atrai de uma forma inexplicável e estes sonhos estão a acontecer com cada vez mais frequência.

Ainda que seja o mesmo todas as noites, isto só pode ser a minha imaginação que anda a ficar demasiado fértil a cada dia que passa. São sempre as mesmas imagens que me atormentam. Se calhar devia ler menos livros de fantasia.

— Estás bem? — Assusto-me com a voz que surge de repente no quarto.

Olho para o meu marido, parado e encostado à ombreira da porta do nosso quarto. Deve ter acabado de chegar do trabalho e aposto que me ouviu a gritar quando entrou. Tento dizer-lhe alguma coisa, mesmo que seja mentira, mas nenhuma palavra sai da minha boca. Os meus olhos fixam-se nos seus. Parece já ter passado uma eternidade desde que ele me fez a pergunta. Tenho de lhe responder alguma coisa.

Com o olhar fixo no chão, encolho os ombros e levo as mãos à cara. Mesmo que quisesse mentir, estou numa fase da minha vida em que já não sei distinguir o que é verdade do que não é.

— Tens de falar comigo para eu te conseguir ajudar. Deixa-me entrar, não te podes fechar desta forma. Só te faz mal — suspira pesadamente. — Nunca tinhas tido pesadelos e, desde que tudo aquilo aconteceu, não consegues dormir uma noite seguida.

— Já te tinha dito que não preciso de ajuda.

Ouço os seus passos atrás de mim e, quando me viro para o encarar, ele força-me contra a parede, prendendo-me. Sei que não tenho para onde fugir agora. Sinto tanto ódio por ele que nem suporto a sua proximidade, muito menos olhar para a sua cara. Não sei quantas vezes mais preciso de lhe dizer que não quero falar sobre o que se passou. Cada vez que ele o menciona, o meu coração fica nas minhas mãos e é como se estivesse a reviver aquele dia vez e vez sem conta. É uma tortura.

— Por favor, fala comigo. Diz-me o que tenho de fazer para que olhes da mesma maneira que costumavas olhar há umas semanas. — Sinto a angústia na sua voz. — Tem de haver alguma coisa que possa fazer.

— Para começar, dá-me o espaço que te estou sempre a pedir. Já nem sei quantas vezes te disse que não quero falar com ninguém sobre o que aconteceu. Se queres que te perdoe, começa por respeitar o que te peço. — Tento afastá-lo de mim para poder sair daquele sufoco.

— Também tens de começar a perceber que aquilo não te afetou só a ti. Era bom que começasses a pensar também no lado dos outros. Como achas que me sinto? Passo a vida a preocupar-me contigo e em saber como te sentes, mas tu nunca perguntaste uma vez sequer se estou bem! — Ouço-o respirar fundo. — Compreendo que seja difícil esquecer o que aconteceu, mas a vida não pode parar. — Lágrimas escorrem pela sua face enquanto o vejo a olhar para mim na esperança de encontrar um resquício de sentimento que ainda possa existir por ele. Mas como é que ele pode estar à espera que demonstre o que quer que seja quando as suas próprias lágrimas são mais falsas que as de um crocodilo?

— Nunca ninguém vai entender o que se passa dentro de mim. Só te peço para me deixares passar... preciso de ir buscar um copo de água. Foi para isso que me levantei e não para ficar a discutir.

Engulo em seco. Não vai ser desta vez que vou soltar as minhas lágrimas ao pé dele. Sempre fiz o meu melhor para não chorar à sua frente e desta vez não vai ser exceção. Aos olhos da minha família, chorar sempre foi sinal de fraqueza. Ser fraca perto de outras pessoas não é uma opção, mesmo que essa outra pessoa seja o meu marido.

A minha mão envolve o seu pulso para o puxar para baixo. Afasto-me do Dante e ouço um grande estrondo atrás de mim.



Sei perfeitamente que isto foi o som do seu punho a bater contra a parede. Há umas semanas, teria voltado para perto dele apenas para ver se não se tinha magoado. De momento, não aguento tê-lo por perto, principalmente quando necessita de descarregar a sua raiva desta forma.

— Já não conheço a mulher com quem me casei. Não és a mesma.

Conheço-o demasiado bem. Sei que ele está a tentar atingir-me para conseguir alguma reação da minha parte e continuar uma discussão que ambos sabemos como termina. Por isso, sem lhe responder, desço as escadas para ir buscar o copo de água que preciso desde que acordei.

Estou saturada de tantas discussões. Ele devia ser a primeira pessoa a apoiar-me, mas, em vez disso, espera que eu volte a ser o que era num simples estalar de dedos. São estes pensamentos tóxicos que ele tem e faz questão de demonstrar que me deixam ainda pior do que aquilo que eu já estou. Eu sinto como se aquele dia tivesse levado tudo de mim e ainda estivesse à procura de algo mais para me tirar.

Pego num dos copos do armário e coloco-o debaixo da torneira. A minha mente está demasiado cheia e, ao mesmo tempo, demasiado vazia. É como se não me conseguisse focar numa só coisa, então tudo acaba por se anular e me deixar perdida no vazio. Tudo é demasiado importante e nada importa.

É só quando ele se aproxima de mim que me apercebo que o copo já está cheio. Esqueci-me da torneira ligada, molhando o balcão e o chão da cozinha. Ele apressa-se a desligar a água e ajuda-me a sentar numa das cadeiras.

Tento sempre ao máximo segurar o meu choro. A diferença é que desta vez acabo por não conseguir.

Em questão de míseros segundos, os meus olhos estão tão encharcados como o chão.

Afasto-o com um reflexo demasiado rápido, quase inconsciente, e levanto-me após limpar as lágrimas que estavam em perigo iminente de continuar a sair. Não consigo suportar o seu toque, muito menos o seu olhar de pena.

— Vou ficar no sofá. Se quiseres, podes ir para o quarto que deves de estar cansado.

— Brenda, eu sei tão bem quanto tu o que estás a tentar fazer e eu não vou deixar que isso aconteça. Se achas que ficar na sala

é o melhor, então vou ficar ao pé de ti. Não vou deixar que me afastes outra vez. — Ele pousa a mão no meu ombro, mas desta vez eu não o afasto. — Desculpa, não devia ter falado contigo daquela maneira e sei muito bem que um pedido de desculpa não está nem perto de ser o suficiente. Peço-te para que me deixes ajudar-te.

— Não preciso de ajuda e, além disso, o que fizeste nunca se vai tratar apenas de um erro. Tudo o que aconteceu é imperdoável e eu estou apenas a aprender a conviver com isso. Respeita quando te digo que apenas quero estar sozinha.

É reconfortante, de certa forma, pensar que talvez esta situação tenha finalmente aberto os seus olhos para a realidade: neste momento, ele é a última pessoa que quero perto de mim.

Com o mesmo copo de água na mão, sento-me em frente do sofá e acendo a televisão. Desta forma, posso perder-me nos meus pensamentos sem ter o Dante a perguntar a cada cinco minutos o que se passa e se preciso de algo.

Ao ligar a televisão, aquele sonho volta aos meus pensamentos. A sua persistência é o que mais me perturba. Já tentei procurar na internet o seu possível significado, mas nada do que encontrei me pareceu fazer sentido. Acabei por consultar um médico, recomendado pelo meu marido, que me prescreveu medicação para a ansiedade. «Pode ser que ajude», ele disse, entregando-me a receita. Pelos vistos, não encontrou motivo aparente para o que está a acontecer.

Embora o meu marido possa ser a pessoa que me conseguisse ajudar, recuso-me a contar-lhe o que me tem acontecido. Não vejo razão para o preocupar com isto. Prefiro manter esses pensamentos intrusivos para mim mesma, afundando-me na solidão da noite. Esta é uma das razões pelas quais gosto de dormir sozinha na sala. A maior parte das vezes ele não ouve os meus gritos, por isso não tenho de suportar as suas milhentas questões.

Agora que penso nisto, é como se fosse uma espécie de círculo vicioso em que sempre que tenho aquele sonho, sempre que fecho os olhos, é como se estivesse novamente a encarar aquele lobo e, à medida que o dia vai passando, a cor dos seus olhos vai desvanecendo. E, tal como todos os outros dias, eles voltam assim que pouso a minha cabeça na almofada.

Afogada nos meus pensamentos, dou um pulo do sofá ao ouvir um estrondo ensurdecedor do lado de fora da casa. Tenho a



certeza de que foi assustadoramente próximo. A minha respiração começa a acelerar e a sensação de pânico toma conta de mim. Sei que o Dante não saiu de casa. *Eu teria ouvido a porta, certo?*

Tento concentrar-me na respiração, procurando acalmar-me, mas a tarefa parece impossível. O meu peito arde, a sensação familiar daquele sonho persiste. A ideia de chamar o Dante para investigar o estrondo passa no meio dos inúmeros pensamentos que me ocorrem, mas o orgulho acaba por me impedir. Por que estou a reagir desta forma a algo tão trivial quanto um estrondo na rua?

Ainda um pouco relutante, ponho-me de pé e caminho até à janela para tentar descobrir o que possa ter causado aquele estrondo. Com as mãos trémulas, ergo ligeiramente a cortina, na expectativa de encontrar algo fora do comum que possa justificar tudo aquilo que estou a sentir. Contudo, tudo parece normal e silencioso. Não há vivalma na rua e a única casa iluminada a esta hora é a minha.

— Sou mesmo uma idiota — suspiro para mim mesma.

Acredito que o melhor a fazer agora seria dormir um pouco. Além de que com o tempo que já passou, o Dante já deve estar a dormir. O lado positivo disso é que não vou ter de interagir mais com ele por hoje.

Isto seria um ótimo plano, se eu não tivesse a certeza de que vou passar a noite inteira deitada na cama, a virar-me de um lado para o outro, sem conseguir dormir. Com isto em mente, vou até à casa de banho do quarto à procura da medicação para me ajudar a adormecer. Abro o móvel que está em frente ao espelho e começo a procurar pela cura milagrosa para as minhas insónias. Normalmente tomo medicação para a ansiedade, que me ajuda a dormir, mas recentemente, deixei de tomar os antidepressivos. Sentia que me estavam a fazer mais mal do que bem.

Com a pequena caixa na mão, lembro-me de algo que nunca tinha pensado antes. É quando tomo estes comprimidos que deixo de ter aquele sonho maldito e que consigo dormir minimamente bem. Se calhar preciso mais desta medicação do que aquilo que imaginava.

Sem pensar nas consequências, pego em três ou quatro e coloco-os na boca. Preciso mesmo de ter um pouco de descanso de tudo o que está a acontecer na minha vida. Cada vez mais sinto o peso do cansaço e, mesmo não fazendo nada de especial todo o dia,

é como se andasse a correr duas ou três maratonas diariamente. Sei que isso não tem lógica nenhuma, mas é como me sinto.

Os meus olhos, pela primeira vez, dão um pouco de atenção ao rótulo da pequena embalagem. Pelos vistos não devia ter excedido a quantidade diária de um comprimido. *O que fui eu fazer?* Isto foi um ato de pura irresponsabilidade.

Até poderia tentar expulsá-los, mas nunca gostei de vomitar e tenho até algum receio de o fazer. Creio que o que me resta agora é rezar para que as consequências do que acabei de fazer não sejam muito graves. Até poderia pedir para não existirem, mas acho que isso já seria pedir demais.

Antes de ir para o quarto, decido tomar um banho quente para me ajudar a relaxar. Coloco um pouco de sal no fundo da banheira antes de abrir a torneira. Sei que a água está demasiado quente, mas eu preciso da sensação de tranquilidade que ela me dá. Por mais que me queime, o que sinto depois supera tudo.

Quase adormeço deitada na banheira. Está a começar a ficar na hora de me ir deitar. Pego no copo que tinha trazido para tomar a medicação e encho-o com água. Assim, se acordar novamente com sede, não tenho de ir até à cozinha.

Mal meto um pé dentro do quarto, uma sensação estranha percorre todo o meu corpo e sinto uma tontura muito forte.

Tenho de me sentar um pouco. É como se a minha mente simplesmente tivesse ficado vazia e as minhas preocupações se tivessem desvanecido. Fecho os olhos e sento-me no primeiro sítio que encontro. Ainda bem que tive o reflexo de me sentar.

Reparo, então, que tenho um copo de água na minha mão e, por isso, bebo o que está lá dentro. O que acabou de se passar?

Olho para o relógio que continua no meu pulso. É demasiado tarde para eu ainda estar acordada. Para garantir que o relógio não estará enganado, volto à casa de banho e pego no telemóvel que está em cima da bancada.

De quem é este telemóvel? Tento desbloqueá-lo com o meu código e, para meu grande espanto, ele desbloqueia-se. Podia jurar que não era meu, não me lembro de ter mudado a foto de fundo.

Volto a bloquear o telemóvel e a guardá-lo no bolso das calças do pijama. Estou ainda mais baralhada do que estava antes. Quando vou apagar as luzes da casa de banho, apercebo-me, então, da caixa da medicação pousada em cima do lavatório. Costumo



deixar sempre tudo arrumado antes de me deitar, porque é que deixei aquilo ali?

Num instante, vou arrumar a pequena caixa onde pertence para me deitar. Se souber que está alguma coisa fora do sítio, nem consigo dormir.

Desligo todas as luzes e vou até à cama com o caminho iluminado apenas pela luz que vem do ecrã do telemóvel. Tento deitar-me com o máximo de cuidado que consigo para não acordar o Dante, mas, assim que sente que estou aqui, puxa-me para perto dele, dando-me um beijo na testa.

— Pensei que estavas a dormir. Desculpa se te acordei quando me deitei, costumas ter um sono pesado. Devo me ter distraído a ler...

— Como assim? Deitei-me há pouco tempo. Estive a tratar de umas coisas para o trabalho. Ainda mal tinha adormecido. — Fico a olhar para ele cada vez a entender menos daquilo que se está a passar. — Sabes se já tomaste a medicação? Aquela que o médico te passou para quando estás mais ansiosa.

— Honestamente não me lembro.

— Pelo menos tenta lembrar-te, faz um esforço. — Fico à espera de que ele diga mais alguma coisa. — É importante que tomes a medicação certa à hora certa.

— Já te disse que não me lembro.

Apesar do quarto estar escuro, há uma pequena fresta de luz vinda da rua que atravessa a janela mal fechada, dando para ver o pequeno sorriso do Dante. Como é que ele é capaz de estar a sorrir quando acabei de lhe dizer que não me lembro de nada do que fiz nos últimos minutos?

Fico a olhar para ele durante uns segundos e, como se as peças de um *puzzle* se encaixassem, tudo começou a fazer mais sentido na minha cabeça. Aquela medicação deve servir para alguma coisa e começo a suspeitar se é mesmo aquilo que o médico me passou. Será que o Dante não trocou os frascos? Não pode ser. Ele é meu marido, de certeza que não. Ele jamais me faria mal. O que é que há de errado comigo para estar a criar estas teorias contra o meu marido que jurou me amar e proteger?

Além disso, tenho quase a certeza de que não tomei aqueles comprimidos.

— Estás pronta para irmos dormir? — pergunta, virando-me as costas para ficar numa posição confortável para adormecer.



Capítulo 2

COM delicadeza, o Dante tira um comprimido da caixa de medicação e pousa-a no balcão da cozinha. Encaro a mão dele com uma mistura de incerteza e desconfiança.

Com as sobrancelhas franzidas, volta a estender a mão na minha direção, mostrando o comprimido como um lembrete persistente de que ainda não fiz o que ele me está a pedir. Uma tensão palpável paira no ar enquanto pondero sobre a decisão a ser tomada. Ele não sabe, mas cada um daqueles comprimidos representa um dilema interno, uma batalha entre o receio dos efeitos colaterais que senti ontem à noite e a necessidade de seguir as orientações que me foram dadas.

É como se o tempo não passasse enquanto resisto à ideia de seguir as suas ordens. O Dante, impaciente, parece não compreender a tempestade de pensamentos que atravessa a minha mente.

— Não estou a entender porque é que ainda não aceitaste a medicação. Sabes tão bem quanto eu o quanto importante é tomar isto a horas.

— Desculpa, mas não consigo explicar. Por vezes parece que isto me está a fazer mais mal do que bem.

— Claro que pensas assim! São pensamentos autodestrutivos por causa da depressão que tens.

— Pronto, está bem... — Não consigo disfarçar o meu olhar duvidoso em direção à sua mão, mas, ainda assim, escolho aceitar fazer o que me está a pedir para fazer.

— Como te sentes? Se sentires alguma coisa de diferente, por favor diz-me.

— Estou igual ao que estava há cinco segundos. A única diferença é que acho a tua conversa cada vez mais estranha. Atrevo-me a dizer que quem deveria perguntar se está tudo bem sou eu.



— Não precisas de te preocupar comigo, sabes melhor do que ninguém que sempre gostei de ter a certeza de que estás bem. Preocupo-me mais contigo do que comigo, já devias saber disso. — Ele aproxima-se de mim e puxa-me para um abraço. — Estou a ver que estás de bom humor.

— Não me lembro de estar de mau humor. Pelo menos nos últimos tempos. — Sem ter uma resposta, ele dá-me um beijo na testa e entra na cozinha para fazer o nosso pequeno-almoço.

Às vezes, tenho a sensação de que ele subestima o quanto eu o conheço, como se a sua mentira pudesse escapar de mim. É evidente que algo está profundamente errado, e a relutância em admitir é como uma nuvem que flutua entre nós. Diante deste mistério, surge em mim uma compulsão para investigar o que se esconde por detrás deste comportamento. Mesmo com a promessa de cultivar mais confiança por ele, a necessidade de decifrar o que lhe está a acontecer fala mais alto.

O estranho comportamento dele aparece sempre no momento de tomar a medicação, deixando-me convencida de que, qualquer que seja o problema, deve estar ligado a isso.

Com isso em mente, dirijo-me à casa de banho do quarto. É a mais afastada da cozinha. Ali, diante do espelho, inclino-me sobre a sanita e despejo o comprimido na água.

A sensação física de expelir o comprimido é estranha e desagravável, uma experiência que nunca imaginei enfrentar. No entanto, parece não haver alternativa.

Ele poderia ter inventado qualquer desculpa, mas preferiu fugir às minhas perguntas como se estivesse a ser caçado por algo invisível e ameaçador. O ato de vomitar os comprimidos na água torna-se mais do que um simples ritual; é uma expressão física de desvendar os segredos que ele se esforça para manter ocultos.

Ao cruzar a porta do quarto, sou imersa numa sinfonia de aromas que despertam memórias. De certeza que o Dante está a fazer alguma coisa para comermos. Respiro fundo, enchendo os meus pulmões com essa mistura deliciosa, confirmando o que a minha intuição já sussurrava. Panquecas!

Tento recordar-me da última vez que ele me fez o pequeno-almoço, ou que me preparou qualquer coisa. Os meses parecem escoar pelas frestas da memória, deixando-me com uma sensação de perda. Talvez tenha sido nos primeiros meses após o nosso casamento, quando a paixão ainda estava fresca, que ele cultivava este adorável hábito.

Contudo, com o passar das estações, essa doce rotina parece ter desvanecido nas correntes dos afazeres da vida e na monotonia da vida de casados. Confesso que sinto falta desses dias, quando cada manhã prometia algo especial e a rotina ainda não tinha moldado os nossos dias.

O sabor do chocolate derretido nas panquecas torna-se num portal para estes momentos bem passados. Um sabor agridoce que me transporta para onde a simplicidade de um pequeno-almoço carinhosamente preparado fazia toda a diferença para o decorrer do meu dia. Cada pedaço revela não apenas o cuidado, mas também a delicadeza de gestos que foram, talvez inadvertidamente, deixados para trás na correria da vida.

Ele desliga o fogão com uma expressão divertida, retirando cuidadosamente os ovos da frigideira, colocando-os com destreza num dos pratos. Só então, apercebo-me das panquecas empilhadasmeticulosamente num prato ao lado do fogão.

Num impulso, apresso-me em direção a ele para ajudar a levar toda aquela comida até à mesa.

No instante em que ele se apercebe do que quero fazer, manda-me sentar com um sorriso afetuoso. Eu obedeço sem hesitar, sentindo-me como uma pequena boneca à mercê das mãos carinhosas de um *chef* talentoso.

A fragrância envolvente do chocolate aromatiza o ar, enquanto as panquecas, douradas e tentadoras, acrescentam um toque de nostalgia. A luz matinal, suave e acolhedora, entra pela janela, mergulhando a cozinha numa atmosfera calorosa. Apesar da simplicidade do gesto, a atenção aos detalhes revela o esmero que ele dedicou a esta pequena surpresa.

— Então, *chef*, o que temos para o pequeno-almoço desta manhã?
— brinco com a pequena alcunha.

— Temos panquecas e ovos estrelados com bacon. Apesar de não ser a minha especialidade, espero que as minhas panquecas estejam à altura das tuas. Sei que jamais serei capaz de fazer igual, mas pelo menos espero que estejam comedíveis.

Ele retira o garfo que está ao lado do meu prato para me servir com uma panqueca, generosamente regada com chocolate. Limito-me a sorrir, ciente de que esta é uma das coisas que ele mais gosta que eu faça.

Com a atenção focada na comida, desfrutamos dela em silêncio.



Quando a conversa não flui naturalmente, preferimos não forçá-la. Afinal, sempre que tentamos fazer isso, o resultado não é dos melhores. Quero apenas saborear este momento agradável, sem a necessidade de estragar tudo ao tentar puxar conversa.

Absorta na missão de saborear a maior quantidade possível de panquecas, nem percebo quando o Dante sai da cozinha para atender uma chamada. É algo raro. Não me lembro de uma única vez em que ele tenha precisado de se afastar de mim para atender e falar com quem fosse. Chegou-me a confessar que despreza esse tipo de ações.

Com cautela para não fazer barulho, levanto-me da cadeira e sigo-o, tentando evitar que ele me veja. Quero recomeçar a confiar nele, contudo, estes comportamentos deixam-me perplexa e preocupada. As diferentes atitudes que tem fazem-me ficar alerta. O carinho do pequeno-almoço contrasta com o facto de não confiar em mim para atender um telefonema. A sensação de desconfiança insinua-se, e agora sinto a necessidade de entender o que está por trás destas ações.

— Continuo sem entender o que se passou! Aquilo não era suposto ter acontecido. A única solução que estou a ver é teres feito aquilo demasiado forte. A ideia é ela apenas esquecer-se dele... — A outra pessoa diz alguma coisa que não consigo ouvir. — É que os sentidos dela estão a começar a despertar mais uma vez. Sei que te disse que a queria mais forte, mas agora foi demais.

Passam-se alguns segundos, provavelmente a outra pessoa deve estar a falar, até ele voltar a fazê-lo.

— Como assim uma dose maior pode diminuir alguns dos efeitos? É que isso não faz sentido algum.

Essas palavras ressoam nos meus ouvidos, e dou um passo para trás, desequilibrando-me. Um estrondo ecoa atrás de mim. Volto-me para o que caiu no chão: uma moldura com uma foto do nosso casamento. Quando me viro para encarar o Dante, encontro-o a fitar-me com as bochechas encarnadas. Dá para ver que ele não queria que tivesse ouvido a conversa que estava a ter.

Instintivamente, tento fazê-lo acreditar que acabei de chegar, que não estava escondida a ouvir as suas palavras. Seja qual for o assunto, ele claramente não queria que eu o ouvisse. Disso, tenho certeza.

— Como saíste da mesa fiquei preocupada, vim ver se se tinha

passado alguma coisa — afirmo, tentando agir naturalmente, embora as inquietações queiram falar mais alto.

Apesar da minha imensa curiosidade, viro-me silenciosamente e retorno à cozinha. Seria a conversa sobre a medicação que ele fez questão que eu tomasse de manhã? Espio pela fresta da porta, confirmando que ele ainda está embrenhado na conversa ao telefone. Movendo-me com cuidado para evitar fazer barulho, subo as escadas em direção à casa de banho.

Cada degrau parece repercutir-se na minha mente, uma batida ritmada que reflete a ansiedade, teimando em permanecer, senão, aumentar. Ele é o meu marido, aquele que prometeu proteger-me para o resto das nossas vidas.

A ideia de que ele possa estar a esconder algo, especialmente relacionado com o que tomei, desencadeia uma tempestade de pensamentos.

Não posso aceitar a possibilidade de ele estar a drogar-me. Sinto que preciso de respostas, e a esperança de as encontrar mora naquele pequeno papel que ele tão descuidadamente deixou para trás.

Ao chegar à casa de banho, fecho a porta com cuidado, como se a atmosfera ao meu redor pudesse revelar o segredo escondido no silêncio. Diante do espelho, enfrento os meus olhos que refletem a mistura de incerteza e determinação. Com as mãos trémulas, procuro por aquele pedaço de papel que pode explicar o que quer que seja que me está a acontecer.

Abro as portas do armário, as dobradiças rangem suavemente e tento focar-me no motivo pelo qual estou aqui. Insatisfeita por não encontrar o que quero, encaminho-me para o quarto, para a cadeira ao lado do armário que guarda um monte de roupas, as quais pouso em cima da cama.

Num ato impulsivo, pego na cadeira e levo-a comigo até à casa de banho, colocando-a estratégicamente em frente ao armário. Apesar de ter um certo receio de alturas, mesmo que seja mínima, subo à cadeira.

Exploro cada centímetro da prateleira de cima, várias vezes, mas a resposta que tanto procuro também não está ali. Estranhamente, questiono-me se ele terá reorganizado as coisas que aqui estavam recentemente, tal como costuma fazer.

Com um suspiro de frustração, volto a posicionar a cadeira



no seu lugar original, deixando as roupas onde estavam, numa tentativa de restabelecer alguma ordem no caos que se instalou.

Antes de sair do quarto, faço uma breve pausa em frente ao espelho da penteadeira que revela um vislumbre perturbador do meu reflexo. Não me reconheço. As olheiras destacam-se sob os meus olhos fatigados, e o tom do meu cabelo parece mais claro, mesmo sem ter feito nada.

As feições do meu rosto estão alteradas, com as maçãs do rosto e os lábios a sobressair de uma maneira que não fazia parte do meu eu. A expressão que encontro no espelho não é apenas física; é um reflexo de uma preocupação mais profunda, uma inquietação que me assalta. O que quer que esteja a acontecer dentro de mim, reflete-se nitidamente no espelho. Como é que o Dante não se apercebe disto?

Pego delicadamente no rímel, aplicando cuidadosamente nas minhas pestanas. Insatisfeita com o que vejo, alcanço o corretor para disfarçar as marcas debaixo dos olhos. Num gesto automático, agarro o elástico que está pendurado na torneira do lavatório e baixo a cabeça para conseguir agarrar todo o meu cabelo. Quando ergo a cabeça novamente, olho fixamente para o reflexo dos meus olhos no espelho.

A contemplação é instantânea, como se de uma metamorfose se tratasse. Como é que é possível que o tom mais negro se tenha tornado num azul-claro?

Fecho os olhos com força, quase como se pudesse alterar o que estava ali bem diante de mim. Ao encarar novamente o reflexo no espelho, deparo-me com a escuridão familiar que sempre habitou dentro de mim. Não é dito que os olhos são o espelho da alma? Mas como é que isto pode ter acontecido? Não faz sentido nenhum.

A mudança súbita, antes quase um mistério trivial, agora ganha uma proporção de desconcerto. O espelho torna-se a testemunha silenciosa de algo que transcende a realidade.

Os olhos, mensageiros de uma mudança que desafia a lógica, são agora portais para as complexidades da minha própria existência. O questionamento permeia o espaço da casa de banho, enquanto me confronto com o inexplicável dentro de mim. Nunca gostei de perguntas às quais não consigo responder.

— Estás aí? — Assusto-me com a voz do Dante vinda do corredor.

— Sim, estou aqui. Apenas vim à procura de um elástico para prender o cabelo, mas vou descer já. — Acabo de atar o cabelo.

Quando saio da casa de banho, encontro-o no quarto com um dos meus biquínis na mão.

A presença do Dante desencadeia uma série de pensamentos tumultuosos. Enquanto ele segura o biquíni, o olhar dele percorre-me e sinto-me subitamente consciente das mudanças que o meu corpo sofreu. Consigo perceber a sua hesitação e também sei que este silêncio constrangedor apenas existe porque ele está a tentar encontrar as palavras certas para falar comigo.

— Desculpa, não queria invadir a tua privacidade. Encontrei isto no chão, caído junto ao armário. Pensei que podias querer levar contigo para a piscina. — Ele finalmente explica, desviando o olhar.

A confusão e as perguntas multiplicam-se na minha mente. Como é possível ele ter encontrado um biquíni no chão, algo que eu própria não vi? A sensação de desorientação aumenta quando percebo que, além das transformações no meu corpo, há tantas mais coisas a acontecer à minha volta. Perante estas descobertas, a casa de banho transforma-se numa prisão de reflexões, e enfrentar o Dante com as minhas inquietações torna-se inevitável.

— Nem te ouvi subir para aqui — confessa. — Estava a pensar... o que achas de passarmos um dia na piscina? Já há algum tempo que não temos um dia sem preocupações e, além disso, precisamos de dar um pouco de uso à piscina.

— Não me apetece muito — murmuro, sem vontade de fazer o que ele acabou de sugerir.

— Mas vais, não quero saber. Precisas de apanhar um pouco de sol, estás demasiado branca. Vai fazer-te bem saíres um pouco de casa, devias fazê-lo mais vezes. — Dante estende-me o biquíni que tem na mão e oferece-me um sorriso, percebendo que irei ceder aos seus pedidos. — Não te vais arrepender.

A sugestão do Dante, mesmo que bem-intencionada, deixa-me um pouco com o pé atrás. O convite para passar um dia na piscina traz à tona sentimentos que eu esperava manter escondidos no fundo de uma gaveta.

Por um lado, a ideia de relaxar à beira da piscina pode ser tentadora, uma fuga momentânea aos desassossegos. Por outro, o desconforto com as mudanças no meu corpo e as revelações



intrigantes no espelho alimentam uma resistência.

Sinto-me aprisionada entre o desejo de satisfazer o Dante e a necessidade de explorar as verdades que ele tanto luta para esconder. O biquíni na mão dele afirma a sua escolha, uma porta de saída para um mundo onde as preocupações se dissipam, como areia a escapar por entre os dedos.

Aceito o pedaço de tecido, ainda que um pouco hesitante, misturando uma leve cedência com a sensação de que estou prestes a embarcar numa jornada cujo destino é incerto. Odeio essa sensação.

O sorriso do Dante mostra confiança na decisão que tomou, enquanto eu permaneço numa encruzilhada de emoções e dúvidas. Tenho de conciliar o mundo exterior com a vida que tenho levado entre estas quatro paredes por muito que isso me custe. Ele tem razão, estou há demasiado tempo sem pôr um pé fora de casa.

— Sabes que me custa ir lá fora. Era o sítio preferido dele. Adorava aquele jardim, e nem se fala da piscina.

— Eu sei, mas deveria ser um sítio onde te sentisses bem, e não o contrário. Tens tantas memórias felizes ali; vais ver que um dia vais conseguir superar. — O Dante tenta consolar-me, mas em vão.

Enquanto ele partilha palavras de encorajamento, sinto-me dividida entre a resistência à dor das lembranças e a necessidade de enfrentar o que um dia foi uma fonte de alegria.

Encolho os ombros, numa resposta silenciosa à complexidade dos meus sentimentos e apresso-me a vestir o biquíni. O Dante já está com os calções de banho vestidos e o protetor solar na mão. Mostra o seu entusiasmo por fazer algo de diferente comigo.

Não é apenas um biquíni que estou a vestir; é um desafio ao meu próprio desconforto, uma tentativa de reconciliação com um passado que, de certa forma, teima em persistir.

Ao aceitar a mão estendida do Dante para me ajudar a levantar da cama, é quando ele tem a certeza de que aceitei juntar-me a ele. Inspiro fundo como que para me preparar para o que está por vir, enquanto sinto a textura do tecido do biquíni contra a minha pele e o calor confortante da mão dele na minha.

Cada degrau que desço parece ser uma espécie de tortura, uma descida inevitável em direção ao jardim. Aperto-lhe a mão, em busca de algum conforto, enquanto ele olha para trás, lançando-me um sorriso na esperança de me ajudar.

Com uma das mãos ocupada pelas toalhas e o protetor solar, faz

um esforço para abrir a porta que dá acesso ao jardim. Na minha mente, nem me passa a ideia de ajudá-lo. Estou demasiado absorvida pela ansiedade do que vai acontecer quando aquela porta finalmente se abrir. Sofrer por antecipação sempre foi uma das minhas melhores competências.

Ele deixa-me passar primeiro, e dou um passo para fora de casa pela primeira vez em meses. A sensação é estranha, como se estivesse a surgir de um refúgio conhecido para enfrentar um mundo que, de alguma forma, se transformou. O sol, ao qual não me expunha há muito tempo, queima-me nos olhos, forçando-me a ficar imóvel por alguns segundos para que eles se ajustem à luminosidade.

O Dante permanece ao meu lado. Sinto o calor do sol na minha pele, como um toque há muito esquecido, e a brisa suave do jardim envolve-me delicadamente. Cada detalhe do ambiente, desde as cores vibrantes das flores até ao som suave da água da piscina, atua como uma sobrecarga sensorial, trazendo à tona sentimentos há muito adormecidos.

Ando uns passos para a frente na direção no jardim quando a única coisa que queria era voltar para casa. O Dante, sempre atento, continua a sorrir, encorajando-me a dar os passos necessários para fora da minha zona de conforto.

Este jardim, outrora repleto de beleza, agora exibe sinais evidentes de abandono. As flores estão a ser engolidas pelas ervas daninhas que, implacáveis, tendem a sufocá-las. O caminho de pedra, que antes era uma trilha cuidadosamente desenhada, agora é invadido por pequenas ervas que teimam em crescer entre as pedras.

Ao fixar o olhar na piscina, sinto uma surpresa genuína ao perceber que ela está limpa e a zona das espreguiçadeiras está bem cuidada. Evito olhar para as janelas que dão para este lado da casa para me impedir de pensar nele. É por esse motivo que todas essas cortinas permanecem sempre fechadas. O estado da piscina é um vislumbre inesperado de preservação, um contraste notável com o estado negligenciado do resto do jardim.

— Vamos? — O meu marido pousa a mão no meu ombro, rompendo o silêncio que permanecia entre nós. Eu simplesmente aceno com a cabeça, incapaz de encontrar as palavras certas.

O toque dele no meu ombro é simultaneamente tranquilizante e desafiador. Ele, que está sempre a tentar criar um ambiente de apoio, parece compreender a importância do que se está a passar.



Cada passo em direção à piscina é uma jornada não apenas física, mas também uma invasão aos esconhos das minhas memórias.

A piscina, apesar de limpa, é mais do que apenas água cristalina; é um espelho que reflete tanto a sua aparência exterior, como também a minha alvoracada história de vida.

O meu coração acelera e a ansiedade que me acompanha desde o momento em que desci as escadas intensifica-se. Estou prestes a confrontar não só o jardim, mas também os fantasmas que há muito tempo evito encarar.

Atrás de mim ouço alguém a rir. Ou pelo menos é isso que me parece. Olho para trás, numa reação instintiva motivada pela esperança fugaz de ser ele que se está a rir.

Por breves momentos, o eco dos seus risos canta aos meus ouvidos e a esperança de que ele esteja ali, à sombra do jardim e com os seus pés dentro da piscina, atravessa todo o meu corpo.

Contudo, quando não o encontro, a realidade colide brutalmente com essa efémera ilusão. Uma lágrima escorre pela minha face e apresso-me a limpá-la, furiosa comigo mesma por permitir que estas esperanças influenciem o meu humor desta maneira.

Sigo o meu marido em direção à piscina, tentando deixar para trás a sombra de expectativas não realizadas. Ele olha diversas vezes para trás, certificando-se de que não desisti da sua ideia e também para garantir que está tudo bem comigo.

Não me lembro da quantidade de vezes que lhe disse que odeio quando ele se mostra extremamente protetor. Faz-me querer gritar, mas nem com gritos ele conseguiria compreender tudo o que lhe quero transmitir.

A piscina, agora mais próxima, revela-se como um refúgio de águas cristalinas. Mesmo que o cenário seja idílico, não consigo desfrutar plenamente do momento.

Chegamos ao fim do caminho de pedra, que, apesar das ervas daninhas, ainda carrega a essência de um passado onde os passos eram leves e despreocupados.

Em momentos como este, a compreensão dos seus gestos torna-se ainda mais clara e a minha resistência começa a ceder perante a sua gentileza. Talvez, neste lugar de transição entre a nostalgia do passado e a incerteza do presente, encontre tanto as respostas que procuro como também uma reconciliação com as complexidades do amor e da perda.

Ouço uma gargalhada seguida de um barulho estranho vindo dos arbustos, um som que se assemelha a um ramo a ser pisado, viro imediatamente a cabeça na direção do ruído. Fico parada por alguns segundos com os olhos a investigar o vazio em busca de algo.

Acredito que ainda esteja agarrada à esperança de que aquela risada fosse real e que ele estivesse mesmo ali, escondido por entre as sombras das folhas. No entanto, a desilusão é inevitável mais uma vez.

— O que achas de irmos dar um mergulho na piscina? — O Dante quebra o silêncio, e eu olho para ele sem entender. Achava que esse era o motivo pelo qual tínhamos vindo até aqui.

As cadeiras de esplanada ao redor da piscina estão vazias, à espera de serem usadas por quem se deixe envolver pelo chilrear dos pássaros.

Encolho os ombros e pego no protetor solar, mantendo o meu olhar fixo no chão. Sinto a sensação persistente de estar a ser observada, mas ao olhar para o Dante percebo que ele está de costas para mim, a acabar de arrumar a churrasqueira, provavelmente para prepararmos o almoço. Fico por alguns segundos a observá-lo enquanto espalho o protetor pelos meus braços.

É impossível esconder a minha falta de entusiasmo, mas reconheço que o pequeno esforço que estou a fazer, faz com que se sinta feliz. Atrevo-me até a dizer que ele acredita que estou a progredir, porém não sei se isso é possível.

Com um pé dentro da piscina, sento-me na borda, permitindo que a água toque na minha pele. A vida mudou abruptamente: de uma pessoa divertida e sempre a tentar deixar os outros com um sorriso no rosto, transformei-me em alguém que se enclausura em casa, incapaz até mesmo de arrancar um sorriso a si mesma. Quero romper com esta fase da minha vida. Quero sentir-me livre.

Às vezes, o receio ataca, sugere que o que falta para alcançar essa tão desejada liberdade está bem diante dos meus olhos, mas talvez eu esteja cega demais para perceber.

— A água está boa? — O Dante pergunta, mas, antes que eu possa responder, ele mergulha na piscina mesmo ao meu lado, salpicando-me com água. Contrariada, deixo escapar uma gargalhada.



Lembro-me dos tempos em que começámos a namorar, quando estas suas ações espontâneas faziam-me rir. A maneira como ele age sem pensar duas vezes é uma das coisas que mais admiro nele.

— Sabes que vais ter de te juntar... — Ele aproxima-se com um sorriso malicioso.

Ainda considero a ideia de me levantar e sair da borda da piscina, mas ele consegue alcançar-me antes que eu possa mexer um dedo sequer. Coloca as mãos na minha cintura e eleva-me no ar.

— Últimas palavras antes de te juntares a mim num dia de diversão? — pergunta, com um brilho travesso nos olhos.

Assim que termina de falar, ele dá um pequeno salto e mergulha, ainda a segurar em mim. Apanhada de surpresa, apresso-me a colocar a mão no nariz para evitar que entre água. Nunca fui muito habilidosa na natação, e o que sei aprendi sozinha. Pelo menos, não me lembro de alguma vez ter ido a aulas de natação. A realidade é que não me lembro de quase nada da minha infância. A morada, a escola que frequentava ou até as brincadeiras provavelmente idiotas. A infância, tal como os anos de adolescência, são quase um total breu. As memórias dos meus pais são escassas e não me consigo lembrar das suas caras. Será que sou mais parecida com a minha mãe ou com o meu pai? Sei que gosto de ler por causa do meu pai, que ficava sentado na poltrona da sala. Contudo, não me consigo lembrar de um único livro que lia.

— O que achas de hoje te ensinar algumas técnicas de natação?

— O Dante sugere.

— Parece que estás a ler os meus pensamentos.

Ele sabe que, quando tudo aquilo aconteceu, o que eu mais desejei foi saber nadar. Tudo teria sido diferente e eu ainda quero que as coisas mudem. Hoje, experimentei algo que nunca senti antes. Pela primeira vez, sinto vontade de me libertar de tudo o que me assombra. Quero recuperar a minha verdadeira essência e deixar o passado onde ele pertence: para trás.